Percepção de cuidadores quanto aos riscos de acidentes na infância

Perception of caregivers as to the risk of accidents in childhood

Milena Braga Maia Caricchio^{1*}, Martha Moreira Cavalcante Castro², Carla Hilário da Cunha Daltró²

¹ Especialista em Fisioterapia Pediátrica e Neonatal

² Doutora em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia

Resumo

Objetivo: compreender como cuidadores de crianças menores de dez anos percebem os riscos de acidentes no ambiente doméstico.

Metodologia: estudo do tipo transversal. Foram entrevistados 60 (sessenta) responsáveis por alunos de uma escola pública municipal. A coleta de dados ocorreu em dezembro de 2014 e de julho a outubro de 2015. **Resultados:** quanto à amostra houve a prevalência de mulheres entre 18 e 40 anos de idade, com companheiro e ensino médio. A maior parte relatou não trabalhar e possuir renda média familiar de até 1 salário mínimo. A percepção geral dos entrevistados foi a de que a queda é o acidente não letal mais comum e o acidente automobilístico é o que causa mais mortes de crianças no país. Afirmaram ainda que os maiores riscos em casa são a queda seguida da queimadura, mas apenas uma pequena parcela acreditava que os riscos são passíveis de prevenção. **Conclusão:** acidentes com crianças em casa ainda são subestimados e pouco valorizados pelos adultos. Assim é fundamental que esforços sejam empreendidos para conscientizar os cuidadores quanto ao tema e a necessidade do seu comprometimento para que haja uma efetiva redução desses índices no país.

Palavras-chave: Criança. Acidentes Domésticos. Prevenção de Danos.

Abstract

Objective: to understand how carers of children under ten perceive the risks of accidents in the domestic environment. **Methodology:** cross-sectional study. Were interviewed 60 (sixty) responsible by students of a municipal public school. The data were collected during the periods of December 2014 and from July to October 2015. **Results:** as for the sample, there was a prevalence of women between 18 and 40 years of age, with partner and high school. Most reported not working and owning average family income of up to 1 minimum wage. The general perception of the interviewees was that the fall is the most common non-fatal accident and the automobile accident is what causes the most child deaths in the country. They also said that the biggest risks at home are the fall followed by the burn, but only a small portion believed that the risks are preventable. **Conclusion:** accidents with children at home are still underestimated and undervalued by adults. Thus, it is fundamental that efforts be made to educate caregivers about the theme and the need for their commitment so that there is an effective reduction of these indices in the country.

Keywords: Child. Domestic Accidents. Prevention.

INTRODUÇÃO

Os acidentes na infância são responsáveis por elevados índices de morbidade e de mortalidade anualmente, apesar de serem, na maioria dos casos, passíveis de prevenção. No Brasil, há uma crença de que os acidentes são parte da vontade divina ou “de azar” e que, assim sendo, pouco se pode fazer para evitá-los. Por ano, uma em cada dez crianças brasileiras necessita ao menos um atendimento no sistema de saúde em decorrência de traumas físicos, casos esses que ocupam até um quinto dos leitos hospitalares. O saldo anual é de mais de 200 mil crianças e jovens com alguma incapacidade física para o resto da vida.¹ Cabe destacar, ainda, o fato de que os registros são baseados nos atendimentos hospitalares omitindo-se, então, casos considerados menos graves, o que leva a uma subnotificação e impede, assim, o real dimensionamento da incidência dos acidentes infantis no país.²

Muitos fatores concorrem para que as crianças sofram acidentes e estes podem ser de caráter individual, familiar e comunitário. São fatores pessoais, a idade que influencia no tipo e gravidade do trauma; o sexo, um determinante para o comportamento de risco além de características pessoais como temperamento, personalidade e capacidades físicas e psíquicas. Os fatores familiares se relacionam à condição socioeconômica, sendo as famílias com baixa renda as que apresentam os piores índices de acidentes devido ao grande número de mães solteiras e com pouca instrução, pelos riscos existentes nas habitações insalubres e pelo abuso de álcool e drogas por familiares, por exemplo. Por fim, o fator comunidade, que não propicia um ambiente protetor, sendo duas as causas mais relevantes: 1) A inexistência de uma legislação eficiente voltada para a segurança e, 2) A falta de envolvimento ativo e amplo da comunidade no combate aos acidentes na infância.³

Nesse sentido torna-se primário dimensionar o nível de conhecimento dos cuidadores quanto à vulnerabilidade das suas crianças com o intuito de atuar na educação

Correspondente/Corresponding: *Milena Braga Maia Caricchio – End: Rua Maria Augusta Maia, 03, Brotas. CEP: 40.275-076 – Tel: (71) 99207-8522 – E-mail: milena.caricchio@hotmail.com

para a segurança infantil no País. Assim, o presente estudo teve como objetivo compreender como os pais ou responsáveis de crianças menores de dez anos em Salvador-Bahia percebem os riscos de acidentes presentes no ambiente doméstico.

METODOLOGIA

Estudo do tipo corte transversal. Foram entrevistados 60 (sessenta) pais ou responsáveis de alunos de escola pública em Salvador – Bahia – Brasil nos períodos de dezembro de 2014 e de julho a outubro de 2015. Foram incluídos maiores de 18 anos que concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O instrumento da coleta de dados foi um questionário estruturado, confeccionado pelas autoras do estudo. Seu conteúdo foi fundamentado na literatura sobre o tema além de ter como base a pesquisa intitulada Acidentes com Crianças: análise quantitativa e qualitativa do conhecimento e percepção de mães de 5 capitais brasileiras: Curitiba/PR, Brasília/DF, Manaus/AM, Recife/PE e São Paulo/SP, realizada pelo Instituto Ipsos, no ano de 2010, encomendada pela Organização Não Governamental (ONG) Criança Segura Brasil, divulgada sob título Acidentes com Crianças: percepção e comportamento das mães brasileiras.⁴

Foi realizado um pré-teste do instrumento com uma amostra equivalente a 10% (dez por cento) do número de alunos matriculados no ano de 2014 na referida instituição. O piloto avaliou o entendimento da população quanto às questões formuladas e as adaptações necessárias foram propostas por três profissionais (juízes) com amplo conhecimento sobre o tema. Após os ajustes necessários ao questionário, a coleta de dados foi realizada em encontros individuais.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Prof. Edgar Santos (HUPES) da Universidade Federal da Bahia sob Parecer nº: 761.633. Todos os participantes, inclusive do piloto, assinaram o TCLE. O questionário não foi identificado para garantir a confidencialidade, atendendo à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Para análise e tabulação dos dados foi utilizado o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0 para Windows. As variáveis foram expressas por frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS

A análise do perfil socioeconômico revelou que 90% das entrevistas foram respondidas por mulheres na faixa etária entre 18 e 40 anos. Destas, 85% eram as mães e, somente, 8,3% eram os pais das crianças. A maior parte destas era casada, possuía ensino médio e renda familiar de até um salário mínimo.

Quanto às ocupações, 46,7% dos entrevistados trabalhavam fora de casa, 3,3% trabalhavam em casa para fora e, 50,1%, não trabalhavam (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados socioeconômico dos 60 entrevistados, pais ou responsáveis de alunos de escola pública em Salvador-Bahia-Brasil nos períodos de dezembro de 2014 e de julho a outubro de 2015.

DADOS SOCIOECONÔMICOS	N	%
Idade		
De 18 a 40 anos	41	68,3
De 41 a 50 anos	18	30,0
Acima de 51anos	1	1,7
Sexo		
Feminino	54	90,0
Estado civil		
Sem companheiro	20	33,3
Com companheiro	40	66,7
Escolaridade		
Analfabeto	0	0
Fundamental	21	35,0
Médio	39	65,0
Renda Familiar		
Sem renda	1	1,7
Até 1 salário mínimo (SM)	40	66,7
De 1 a 3 SM	19	31,7
Ocupação		
Não trabalha	30	50,1
Trabalha em casa para fora	2	3,3
Trabalha fora	28	46,7
Grau de parentesco com a criança		
Mãe	51	85,0
Pai	5	8,3
Outros	4	6,7

Fonte: Autoria própria (2015)

Ao avaliar a percepção geral dos responsáveis com relação aos acidentes infantis, os resultados revelaram que 31,7% destes consideram que a injúria mais comum no Brasil é a queda; 21,7% acreditam ser as ocorrências automobilísticas e 16,7%, as queimaduras. Sobre a principal causa de óbito de crianças por acidentes no país, 46,7% afirmaram que deve-se aos acidentes de carro e 15% acreditam ser devido às quedas.

Sobre a frequência com que ocorrem os acidentes com crianças, cerca de 60% dos entrevistados percebem que estes são muito frequentes ou ocorrem com boa frequência e, para 40% destes, os acidentes acontecem pouco ou são raros. Contudo, 58,3% asseguraram que os acidentes infantis às vezes são evitáveis e 18,3% afirmaram que não se pode evitar, de maneira alguma, que as crianças sofram injúrias, apenas 23,3% dos participantes acreditam que estes são totalmente possíveis de evitar. Quanto aos riscos inerentes à cada ambiente da casa, evidenciou-se a cozinha como o local mais perigoso (Tabela 2).

Tabela 2 – Percepção quanto aos acidentes com crianças dos 60 entrevistados, pais ou responsáveis de alunos de escola pública em Salvador-Bahia-Brasil nos períodos de dezembro de 2014 e de julho a outubro de 2015.

SOBRE ACIDENTES	N	%
Tipo de acidente mais comum entre 0-14 anos no Brasil		
Queda	19	31,7
Acidente de carro	13	21,7
Queimadura	10	16,7
Outros	18	30,1
Principal causa de morte de crianças entre 0-14 anos no Brasil		
Acidente de carro	28	46,7
Queda	9	15,0
Afogamento	8	13,3
Outros	15	25,1
Acidentes com crianças são		
Evitáveis	14	23,3
Às vezes, evitáveis	35	58,3
Inevitáveis	11	18,3
Acidentes domésticos com crianças ocorrem com que frequência		
Muito frequentes	23	38,3
Acontecem com boa frequência	13	21,7
Pouco acontece	13	21,7
Raros	11	18,3
Lugar da casa que você pensa que as crianças correm mais perigo		
Cozinha	32	53,3
Todos	17	28,3
Outros	11	18,7

Fonte: Autoria própria (2015)

Quanto aos riscos de acidentes que as crianças podem estar expostas em casa, a queda e a queimadura foram os mais citados (63,3%). Sobre a possibilidade de prevenção, 45% dos pesquisados acreditavam que todos os riscos podem ser evitados, sendo que destes, o maior percentual (36,7%) foi para as queimaduras e os choques elétricos (Tabela 3).

Tabela 3 – Percepção quanto aos riscos de acidentes em casa dos 60 entrevistados, pais ou responsáveis de alunos de escola pública em Salvador – Bahia-Brasil nos períodos de dezembro de 2014 e de julho a outubro de 2015.

RISCOS	N	%
Riscos que você acredita que as crianças podem estar expostas em casa		
Afogamento	10	16,7
Acidentes com animais	13	21,7
Bater o corpo contra algum objeto	29	48,3
Choque elétrico	36	60,0
Corte	29	48,3
Envenenamento	18	30,0
Ficar preso em algum local	20	33,3
Prender parte do corpo em algum lugar	15	25,0
Queda	38	63,3
Queimadura	38	63,3
Sufocamento	15	25,0
Todos acima	11	18,3
Riscos que podem ser prevenidos		
Afogamento	18	30,0
Acidentes com animais	14	23,3
Bater o corpo contra algum objeto	10	16,7
Choque elétrico	22	36,7
Corte	20	33,3
Envenenamento	21	35,0
Ficar preso em algum local	14	23,3
Prender parte do corpo em algum lugar	14	23,3
Queda	9	15,0
Queimadura	22	36,7
Sufocamento	11	18,3
Todos acima	27	45,0

Fonte: Autoria própria (2015)

DISCUSSÃO

Os resultados revelaram que a percepção de pais e responsáveis quanto aos riscos de acidentes com crianças em casa ainda se mostra incipiente. Tal fato se torna evidente na medida em que percebe-se que poucos tipos de riscos presentes no ambiente doméstico foram reconhecidos pela maioria dos entrevistados.

Quanto ao estado civil e escolaridade os resultados mostraram-se semelhantes aos encontrados num estudo realizado com mães na Universidade Federal de Santa Catarina. Entretanto, com relação à renda familiar, o mesmo mostrou que 57,1% dos sujeitos apresentaram renda de até quatro salários mínimos, fato que contrasta com os 98,4% dos indivíduos deste estudo que afirmaram possuir até 3 salários mínimos em casa.⁵

Com relação às ocupações, 48,3% dos entrevistados exercia alguma atividade remunerada. Tal fato revela indiretamente o quanto os responsáveis se encontram ausentes de casa ou em menor vigilância das crianças, além de poder ser visto como condição propícia para o desenvolvimento de ações comunitárias com foco na prevenção de acidentes.

Um trabalho realizado em residências de usuários de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e de uma Unidade de Saúde da Família (USF) de um município de médio porte do interior de São Paulo consistiu na implementação de uma ação educativa de 30 minutos acerca das queimaduras infantis, com a avaliação das situações favorecedoras para o acidente por parte dos familiares, suas formas de prevenção além da distribuição de um material informativo sobre o tema. Duas entrevistas, uma antes e outra depois da intervenção foram realizadas para avaliar a retenção das informações trabalhadas. Os resultados apontaram o aumento de 61 para 80 indicações de situações de risco no grupo intervenção na segunda entrevista. Sobre a possibilidade de evitar o acidente, antes da ação educativa, 16 entrevistados afirmaram acreditar na possibilidade, após a medida, todos passaram a crer na prevenção. Ainda foi apontado que, a partir deste estudo houve um aumento no número de medidas preventivas, aumentando de 47 para 67 as medidas preventivas. No estudo, todos os participantes julgaram ser importante receber informações sobre a temática.⁶

A percepção geral dos entrevistados quanto aos acidentes infantis confirmou a queda como o evento não letal mais recorrente, entretanto, esta enquanto causa de óbito foi citada apenas por 15% dos mesmos. Desta forma, cabe destacar, como os índices apresentados mostram-se ainda muito baixos diante da magnitude que isso representa para a saúde pública nacional.

Um estudo sobre as características e fatores associados às quedas atendidas nos serviços de emergência aponta que em 2009, segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), houve 9.171 vítimas fatais dessa causa, 6,6% de todos os óbitos por causas externas. No mesmo ano, o Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) registrou mais de 320 mil internações somente no SUS por lesões decorrentes de quedas, o que representou quase 40% do total de internações do grupo de causas externas. No entanto, é relevante apontar que ainda há subnotificação quanto aos atendimentos realizados na rede privada além dos casos negligenciados. O referido estudo analisou 12.617 atendimentos decorrentes de queda, registrado no Sistema Nacional de Serviços Sentinela de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) no período de setembro a novembro de 2009. Neste estudo, ficou evidenciado que, em relação aos ciclos de vida, a maior parte dos atendimentos foi de crianças e adolescentes (29,3% para a faixa etária entre zero e nove anos e 18,1% para os de dez a 19 anos).⁷

No presente estudo, mais da metade dos entrevistados afirmou que os acidentes ocorrem de forma muito

frequente ou com boa frequência, no entanto, para 40% dos entrevistados, os acidentes acontecem pouco ou são raros. Quando questionados de uma maneira geral sobre a possibilidade de evitá-los, a maioria dos entrevistados assegurou que os acidentes com crianças, às vezes ou nunca, são possíveis de serem evitados. Somente, 23,3% acreditam que estes são totalmente possíveis de evitar. Tal panorama talvez possa se apresentar como uma explicação quanto aos achados de outro estudo que revelou que em 93,2% dos casos de acidentes analisados as crianças estavam acompanhadas por seus pais.⁸

Outros estudiosos⁹ também encontraram que 79,21% das ocorrências relatadas, a mãe estava com o filho. Por essa razão, depreende-se que a presença dos responsáveis em casa não se mostra como um fator de segurança para as crianças, ou por falta de conhecimento de como evitá-lo ou por falha na supervisão da criança.^{10,11}

Quanto aos riscos inerentes à cada ambiente da casa, este estudo mostrou que a cozinha é percebida como o local mais inseguro. Todavia, quase um terço dos responsáveis afirmou que todos os lugares da casa podem ser vistos como perigosos. Nesse sentido, cabe o reforço de que cada ambiente da casa oferece riscos diversos e que esses variam a depender da faixa etária da criança. Deve-se analisar cada cômodo para detectar os riscos e corrigi-los.¹²

Sobre os maiores riscos de acidentes em casa, a queda, a queimadura e o choque elétrico foram os mais ressaltados. Um estudo sobre as características e circunstâncias das queimaduras no ambiente doméstico apontou a escaldadura como o agente etiológico mais comum, seguida da chama direta e do álcool. A cozinha foi o local onde ocorreram a maior parte dos acidentes, o que reforça a percepção dos participantes desse trabalho.¹³

Ao tratar a circunstância dos acidentes relatados pelo grupo em análise, foi evidenciado que todos aconteceram na presença de pessoas mais velhas que a vítima, sendo que houve casos em que, de alguma forma, essa pessoa contribuiu para o acidente. Observou-se que o responsável realizava as atividades de risco próxima à criança ou permitiu que a mesma realizasse ações como brincar utilizando álcool ou cozinhar. Outro fator colaborativo foi a condição precária de equipamentos de cozinha, como fogões e panelas sem condições de uso. Além da própria estrutura da moradia que muitas vezes não possui divisões de cômodos, estando a cozinha totalmente acessível às crianças. Soma-se ainda a grande aglomeração de pessoas numa mesma moradia.¹³

O risco de acontecer um afogamento no espaço doméstico foi citado apenas por 16,7% dos responsáveis, o que denota um desconhecimento da real ameaça que este representa. Nesse sentido, cabe esclarecer que no Brasil, esse agravo é responsável por 25% das mortes na faixa etária de 1 a 4 anos e 20% entre 5 e 14 anos. O Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde referente ao ano 2011 informou que houve 6.176 mortes por causas externas em menores de 14 anos, sendo

o afogamento causador de 1.115 (18%) dos óbitos. Nas residências, há possibilidade de um bebê se afogar, por exemplo, na banheira com alguns centímetros de água ou num balde com água ou roupa de molho, porque este não consegue manter-se sentado ou levantar, caso caia.¹⁴

Com relação a possibilidade de prevenção destes acidentes, 45% dos pesquisados afirmaram ser possível evitar todos os tipos de riscos. Tal dado mostra-se diverso do anterior quando apenas 23,3% acreditava ser possível evitar acidentes infantis. Desse fato, depreende-se que quando questionados de forma aleatória acerca de acidentes com crianças em casa, uma parcela maior dos entrevistados acreditava não ser possível evitá-los. Entretanto, após tornar claro quais são os riscos e tipos de acidentes relacionados a estes, há uma mudança na percepção do quadro. Corroborando com este achado um estudo que objetivou mobilizar a equipe do Programa de Saúde da Família de uma cidade do Rio Grande do Sul para a construção da participação comunitária com vistas a prevenir acidentes domésticos com crianças. Este concluiu que quando há a sensibilização da família acerca do tema, esta faz reflexões pertinentes, compartilha conhecimentos, constrói novas concepções, independente da sua situação socioeconômica, principalmente se esta torna-se participante do processo e corresponsável pelas metas do projeto educativo de saúde.¹⁵

Outro achado relevante sobre prevenção foi o de que apenas 15% dos responsáveis acreditava ser possível evitar quedas, o que mais uma vez revela uma possível relação de causalidade entre a percepção dos adultos quanto aos riscos e os índices gerais apresentados sobre o tema. Um estudo que visou, através do Modelo Calgary de Avaliação de Famílias, conhecer as estruturas familiares de crianças que sofreram quedas para ajudar a definir os fatores de risco esclareceu que para as famílias as quedas não evidenciam gravidade aparente e são percebidas como acontecimentos naturais da infância. Os autores enfatizam o fato de que as pessoas desconhecem o quão graves podem ser as sequelas dessas lesões.¹⁶

A principal limitação deste estudo foi que a abordagem da população envolveu somente uma escola pública infantil do município de Salvador-Bahia e o tamanho da amostra.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos no presente estudo revelaram que os acidentes infantis no ambiente doméstico ainda são subestimados e/ou negligenciados pelos pais ou responsáveis. A visão superficial sobre o assunto, certamente, conduz à uma prática preventiva deficiente, o que colabora para a vulnerabilidade das crianças. Assim, entende-se como fundamental empreender esforços para tornar os adultos, sobretudo os pais ou responsáveis, cientes e esclarecidos quanto ao tema e a importância da sua atuação para que haja uma efetiva redução das injúrias infantis no País. Diante disso, percebe-se a urgente

necessidade da criação de parcerias entre os setores da saúde e da educação com o objetivo de disseminar informações sobre a segurança infantil, por exemplo, através da realização de cursos de formação para a segurança doméstica, da distribuição de material didático ou de eventos periódicos para alertar sobre o tema, informando à população sobre os riscos e as formas de prevenção de acidentes com as crianças no ambiente domiciliar.

REFERÊNCIAS

1. BLANK, D. Por que as crianças sofrem acidentes? In: WAKSMAN, R.; GIKAS, R.M.C.; MACIEL, M. **Crianças e adolescentes seguros**. Guia completo para prevenção de acidentes e violências. São Paulo: Publi-Folha, 2005. p. 24.
2. FONSECA, S.S. Fatores de risco para injúrias acidentais em pré-escolares. **J. Pediatr.**, Rio de Janeiro, v. 78, n. 2, p. 97-104, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v78n2/v78n2a07.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.
3. BLANK, D. Por que as crianças sofrem acidentes? In: WAKSMAN, R.; GIKAS, R.M.C.; MACIEL, M. **Crianças e adolescentes seguros**. Guia completo para prevenção de acidentes e violências. São Paulo: Publi-Folha, 2005. p. 30.
4. ONG CRIANÇA SEGURA. **Acidentes com Crianças: percepção e comportamento das mães brasileiras**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://criancasegura.org.br/wp-content/uploads/2016/08/09-2.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.
5. SANTOS, B. Z. et al. Injúrias não intencionais na infância: estudo piloto com mães que frequentam a clínica de bebês da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. **Pesqui. bras. odontopediatria clín integr.**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 157-161, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/pboci/article/viewFile/937/442>>. Acesso em: 16 maio 2018.
6. GIMENIZ-PASCHOAL, S.R.; PEREIRA, D.M.; NASCIMENTO, E.N. Efeito de ação educativa sobre o conhecimento de familiares à respeito de queimaduras infantis em ambiente doméstico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, p. 341-346, maio/jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692009000300010&script=sci_arttext&tlang=pt>. Acesso em: 16 maio 2018.
7. MALTA, D.C. et al. Características e fatores associados às quedas atendidas em serviço de emergência. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 128-137, fev 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 maio 2018.
8. XAVIER-GOMES, L. M. et al. Descrição dos acidentes domésticos ocorridos na infância. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v.37, n. 4, p. 394-400, 2013. Disponível em: <https://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo_saude/155558/A03.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.
9. DE LIMA, R.P. et al. Acidentes na infância: local de ocorrência e condutas dos familiares no âmbito domiciliar. **Enfermería Global**. n. 15, fev 2009. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/50051/47961>>. Acesso em: 16 maio 2018.
10. DEL CIAMPO, L. A. et al. Características clínicas e epidemiológicas de crianças acidentadas atendidas em um serviço de pronto-atendimento. **Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 29-34, 2011. Disponível em: <<http://bdpi.usp.br/item/002253245>>. Acesso em: 16 maio 2018.
11. AMARAL, S.E.M. et al. Incidência de acidentes com crianças em um pronto-socorro infantil. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, Campinas, v. 27, n. 4, p. 313-317, 2009. Disponível em: <<https://www.unip>>

br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2009/04_out_dez/V27_n4_2009_p313-317.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

12. WAKSMAN, R.D.; GIKAS, R.M.C.; BLANK, D. (Org.). **Crianças e Adolescentes em Segurança**. São Paulo: Manole, 2014. p. 136.

13. VENDRUSCULO, T. M. et al. Queimaduras em ambiente doméstico: características e circunstâncias do acidente. **Rev. Latino-Am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 3, maio/jun 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_21.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

14. WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R.M.C.; BLANK, D. (Org.). **Crianças e adolescentes em segurança**. São Paulo: Manole, 2014. p. 318.

15. ACKER, J. I. B.V.; CARTANA, M. H. F. Construção da participação comunitária para a prevenção de acidentes domésticos infantis. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 64-70, fev 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/10.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.

16. PEREIRA, A. de S. et al. Determinação de fatores de risco para a queda infantil a partir do modelo calgary de avaliação familiar. **Rev bras. promoç saúde**, Fortaleza, v. 23, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2003>>. Acesso em: 16 maio 2018.

Submetido em: 16/05/2018

Aceito em: 05/01/2019